

Simbologie e scritture in transito

a cura di Vanessa Castagna e Vera Horn

Entre o ‘amor’ e a ‘ajuda’

Experiências amoroso-sexuais de migrantes brasileiras na Espanha em tempos de crise

Adriana Piscitelli

(Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Abstract In this article, I consider how feelings, ‘convenience’ and ‘interests’ interpenetrate in the sexual/romantic experiences of Brazilian female migrants in Spain who formed relationships with men from this country. I also consider the debate on transnational marriage and sex markets based on ethnographic studies conducted in Barcelona, Granada and Antequera between 2009 and 2015. Citing the stories of 15 women whose heterogeneity evokes the heterogeneity of Brazilian migrants in Spain, I argue that those ‘interests’, interpenetrating with diverse styles of affection, do not make these relationships particularly insecure. These interpenetrations lead us to deem notions that are relevant in the transnational marriage discussion as being problematical, allowing us to perceive that in the migratory context we find reconfigurations of the web of interests, sex and affection that also exist in these migrants’ places of origin in Brazil. This is particularly evident in the stories of working class women from small towns with comparatively less schooling. In the first sections of the article, I consider the debate on marriage as an open door for migration and the academic literature on the transnationalization of affections. Then I describe my area of research and analyze the notions of interest, sex and affection as related by my interviewees. I finally consider how these notions lead us to consider problematical the debate on transnational marriages.

Sumário 1 Apresentação. – 2 Casamentos, migração e transnacionalização dos afetos. – 3 Cenários. – 4 O universo da pesquisa. – 5 ‘Papéis’. – 6 Interesse. – 7 Afetos. – 8 Considerações finais.

Keywords Gender. Migration. Brazil. Prostitution. Marriages.

1 Apresentação

Neste texto analiso a inserção de migrantes brasileiras nas economias sexuais da Espanha, considerando como sentimentos, ‘conveniência’ e interesses se articulam nos intercâmbios sexuais, econômicos e afetivos que elas estabelecem com homens daquele país. Na Espanha, as mulheres brasileiras têm constituído uma presença altamente visível na indústria do sexo e também um dos principais coletivos nacionais de estrangeiras que casam com homens espanhóis. Levando em conta o meu histórico de pesquisas sobre a indústria do sexo naquele país (Piscitelli 2007, 2009a, 2013), observo que aqui apresento os resultados de uma

Diaspore 6

DOI 10.14277/6969-112-6/DSP-6-3

ISBN [ebook] 978-88-6969-112-6 | ISBN [print] 978-88-6969-113-3 | © 2016

investigação em que contemplo mulheres inseridas em diversos setores de atividade na Espanha.

Dialogando com as discussões sobre casamentos e mercados do sexo transnacionais, baseando-me em dados etnográficos colhidos em Barcelona, Granada e Antequera entre 2009 e 2015 e ancorada nas narrativas de 15 mulheres cuja heterogeneidade remete à diversidade de migrantes brasileiros na Espanha, meu argumento é que a presença de ‘interesses’ não torna esses relacionamentos particularmente inseguros. Os diferentes tipos de interesse e os estilos de afeto que com eles se interpenetram embaralham, aliás, noções presentes nas discussões sobre a problemática. Nos contextos migratórios, essa interpenetração mostra reconfigurações dos entrelaçamentos entre interesses, sexo e afeto existentes nos locais de origem, no Brasil. Isto é particularmente evidente quando se trata de mulheres originárias de camadas populares, com poucos anos de estudo e/ou originárias de lugares urbano-rurais.

Nas primeiras partes do texto situo as discussões sobre casamentos como porta de entrada para a migração no âmbito mais amplo da produção sobre a ‘transnacionalização dos afetos’. Em seguida, descrevo o universo da pesquisa e analiso as noções de interesse, sexo e afeto presentes nos relatos das pessoas entrevistadas. Finalmente, comento em que sentido os resultados embaralham as questões presentes no debate.

2 Casamentos, migração e transnacionalização dos afetos

No debate sobre tráfico internacional de pessoas que se difundiu nos últimos anos no Brasil é corrente a ideia de que os casamentos com estrangeiros oferecem particulares riscos para migrantes de partes ‘pobres’ do mundo, principalmente porque sob a ilusão de contrair casamentos e estabelecer relações amorosas, as mulheres são submetidas à prostituição.¹ As preocupações sobre os perigos envolvidos nos casamentos associados à migração nos fluxos entre Sul e Norte estão presentes no debate público e também na produção acadêmica, brasileira e internacional.

Nessas discussões, duas ‘modalidades’ de casamentos concentram a atenção. Uma delas é a dos ‘casamentos servis’, considerados um dos principais caminhos utilizados pelo tráfico de pessoas. Essa denominação re-cria e dota de sentido diferente a ideia de casamento como prática análoga à escravidão.² Outra dessas modalidades é a dos casamentos ‘de

1 Ver: «Europa tem 75 mil prostitutas do Brasil» em *O Estado de São Paulo*, 2008-05-18.

2 Na «Convenção Suplementar Sobre Abolição da Escravatura, do Tráfico de Escravos e das Instituições e Práticas Análogas à Escravatura, das Nações Unidas» (1956) considera-se análoga à escravatura toda instituição ou prática em virtude da qual: 4. Uma mulher é, sem que tenha o direito de recusa, prometida ou dada em casamento, mediante remuneração em

conveniência', utilizados para a regularização do estatuto migratório. No debate, esses últimos concentram a preocupação pela vinculação com o tráfico de pessoas e a inquietação com a ampliação de mecanismos fraudulentos para driblar as restrições migratórias. Essas inquietações são frequentemente transformadas em questões analíticas na literatura acadêmica. Isto é particularmente evidente nas leituras sobre casamentos como porta de entrada para a migração (Daphne Program 2003).

Na literatura sócio-antropológica, diversas linhas de discussão contribuem para pensar sobre o aumento de casamentos que, na nova ordem global (Appadurai 1998), unem pessoas de países do Norte e do Sul. Uma delas é o debate sobre a relação entre mercantilização da intimidade e globalização. De acordo com essas perspectivas, a interpenetração entre práticas econômicas e relacionamentos afetivos ou sexuais no âmbito da intimidade vem adquirindo matizes particulares nas últimas décadas (Zelizer 2009). A ideia é que no marco da crescente mercantilização dos afetos, se intensifica a noção de que as relações íntimas, física ou emocionalmente próximas, predominantemente vinculadas ao sexo, ao amor e ao cuidado, são compráveis ou vendáveis (Constable 2009).

Esse processo mantém relações com a interconexão entre processos globais e locais. Os fluxos de pessoas do Sul em direção ao Norte propiciam a oferta de mão de obra barata para os serviços domésticos, de cuidado e sexuais nos países 'ricos' (Hoschild 2003). A migração de empregadas domésticas, babás, enfermeiras, trabalhadoras sexuais e de esposas para desempenhar serviços que no passado eram parte dos 'papéis' domésticos de mulheres do Primeiro Mundo, teria lugar no que Saskia Sassen (2002) denomina «circuitos globais da sobrevivência», em relações de serviços marcadas pela precariedade e pela fragilidade da posição social das migrantes.³

As discussões feministas sobre os casamentos como porta de entrada para a migração incorporam essas ideias relativas ao lugar desigual ocupa-

dinheiro ou espécie entregue a seus pais, tutor, família ou a qualquer outra pessoa ou grupo de pessoas; 5. O marido de uma mulher, a família ou clã deste têm o direito de cedê-la a um terceiro, a título oneroso ou não; 6. A mulher pode, por morte do marido, ser transmitida por sucessão a outra pessoa.

3 De acordo com a autora, essas migrantes integram esses circuitos a partir de sua participação em dois conjuntos de configurações. Uma delas é a cidade global, palco do crescimento de atividades envolvidas na administração e coordenação da economia global, que produziram um agudo crescimento na demanda por profissionais bem remunerados. O estilo de vida desses profissionais, que inclui o consumo do 'cuidado', gerou demanda por trabalhadoras dedicadas a esses serviços. A outra configuração na qual participam as migrantes do Sul consiste em circuitos de sobrevivência, que emergiram em resposta à intensificação da miséria no Sul global, em um contexto marcado pelo desemprego, a pobreza e reduzidos recursos do estado para atender necessidades sociais. Esses circuitos se apoiam nas costas das mulheres, muitas das quais se tornam trabalhadoras migrantes que enviam remessas para casa.

do pelas migrantes nesses processos. Na Europa, a preocupação por esses casamentos se ampliou com a expansão da imigração «de pessoas que não pertencem à União Europeia, a crescente presença de trabalhadoras do sexo estrangeiras e a intensificação do debate sobre tráfico de pessoas» (Daphne Program 2003, Campani1998). Essa inquietação, presente na década de 1990, se acentuou visivelmente nos anos 2000 (Piper 1997; So 2003; 2006; Suzuki 2007; Lauser 2006; Grassi 2006; Orloff, Sarangapani 2006).⁴

Uma linha importante nos estudos desenvolvidos na União Europeia tende a classificar os casamentos ‘mistos’ envolvendo mulheres de partes pobres do mundo em diferentes categorias de matrimônios:

1. resultado de relacionamentos sentimentais;
2. arranjos;
3. de conveniência (para driblar regulamentações referidas ao ingresso ou permanência em um país estrangeiro, envolvendo a ‘venda’ de casamentos e/ou por conveniência em termos econômicos);
4. forçados;
5. vinculados à reunificação familiar e, finalmente,
6. casamentos de reparação da honra. Considera-se que os casamentos por conveniência, os forçados e também os de reunificação situam as mulheres em risco de violência doméstica e também de exploração sexual, em situações nas quais o casamento conduz ao ingresso forçado na indústria do sexo.

Assim, só os casamentos que resultam de relacionamentos sentimentais seriam ‘seguros’. Essa leitura é ingênua e, em certos casos, etnocêntrica, pois ignora os inúmeros casos de violência doméstica envolvendo mulheres de países ‘ricos’ em casamentos ‘por amor’, contraídos entre iguais. No entanto, o que me interessa sublinhar são os pressupostos nos quais se ancora, que delinham uma separação radical entre sentimentos e interesses e concedem escassa margem de agência às mulheres de regiões pobres do mundo.

Esses aspectos são problematizados por um terceiro conjunto de reflexões, centrado nas análises da ‘política global do amor’, que prestam atenção a como sentimentos e práticas econômicas se articulam em diferentes contextos (Padilla et al. 2007). Essas perspectivas escolhem o amor como lente para a análise social, considerando que possibilita uma leitura pri-

⁴ A preocupação por esses casamentos adquire conotações particularmente dramáticas quando se trata de casamentos mediados por *sites* da *web*, frequentemente denominados de *sites de mail order brides*. Com esses termos alude-se a uma indústria de oferta de esposas que, frequentemente associada à indústria do sexo, teria alterado uma difusão baseada, décadas atrás, em revistas e catálogos impressos, pela Internet. Uma das linhas de discussão envolvidas no debate considera que esses catálogos on-line e os relacionamentos iniciados através deles favorecem a exploração sexual das mulheres (Sciachitano 2000), sendo inseparável do turismo sexual e da pornografia (Pehar 2003).

vilegiada da interação entre estruturas de ampla escala e a subjetividade, emoção e agência das pessoas. Essas leituras são interessantes porque concedem crucial relevância às diferenças e desigualdades sociais em termos de raça, classe e nacionalidade através das quais circulam noções vinculadas aos sentimentos.

Ao mesmo tempo, essas perspectivas estão particularmente interessadas na difusão de noções 'euro-americanas' sobre amor, categorias de intimidade, identidade e sexualidade e, nesse ponto, apresentam alguns problemas. Elas tendem a considerar apenas os fluxos de ideias no sentido 'centro-periferia', concedendo pouca atenção a outros circuitos de circulação de noções vinculadas a sentimentos e, além disso, acabam exotizando 'outras' culturas, classificando-as em função de seu suposto grau de 'ocidentalização', que se traduz na presença ou ausência do 'amor euro-ocidental'. Situo a análise de como sentimentos, interesses e conveniências operam nos casamentos entre brasileiras e espanhóis no marco desse conjunto de discussões.

3 Cenários

Na segunda metade da década de 2000, a migração brasileira adquiriu particular destaque na Espanha, apresentando alguns aspectos significativos. Nesse país, nesses anos o contingente de brasileiros/as foi numericamente reduzido em relação aos migrantes de outras nacionalidades. De acordo com estimativas de agentes consulares brasileiros, em finais de 2009 eram 130.000 pessoas. Esse fluxo apresentava uma série de particularidades. Tratava-se de uma migração predominantemente feminina que cresceu aceleradamente, triplicando seu número entre 2004 e 2008. De acordo com agentes consulares, o fluxo migratório continuou apesar da diminuição na intensidade das chegadas, a partir de 2008, vinculada aos efeitos da crise econômica na Espanha. Ele estaria associado ao 'efeito chamada', quando os migrantes 'estabilizados' chamam parentes⁵ (Piscitelli 2010).

Ao longo desses anos, a visibilidade do Brasil na Espanha se intensificou de diversas maneiras. Esse destaque esteve em parte vinculado ao aumento de organizações de brasileiros e às ações por elas promovidas, incluindo a realização de festivais artísticos e musicais, com particular destaque para a dança e a capoeira, que começou também a colocar em destaque os homens brasileiros, particularmente os vinculados à música e às atividades corporais. Contudo, nesse cenário, as mulheres brasileiras, como em outros países de Europa, foram particularmente afetadas pela associação com a prostituição.

5 Entrevista realizada no 2009-11-14.

Estudos relativos à informação difundida na TV espanhola em 2008 indicam que diversamente das notícias sobre migrantes de outros países, que se referiam basicamente a homens, as notícias sobre o Brasil aludiam predominantemente a mulheres e eram associadas a três temas: prostituição, violência de gênero e delitos. No que se refere à prostituição, o Brasil liderava numa lista na qual era seguido por Rússia, Romênia e Colômbia (Badet Souza 2009).⁶ O trabalho nesse setor de atividade estava longe de ser a principal ocupação de brasileiras nesse país, mas, nesse cenário, a sexualização que marcava as brasileiras também afetava mulheres desvinculadas da indústria do sexo.

Paralelamente, em termos do mercado matrimonial, o maior número de casamentos ‘mistos’, envolvendo duas nacionalidades, heterossexuais realizados na Espanha em 2008 era formado por um homem espanhol e uma mulher brasileira (Roca i Girona et al. 2008). Os registros do Consulado do Brasil em Barcelona apontam, nessa jurisdição, para um aumento ano a ano, com particular incidência em 2009, nos casamentos ‘mistos’.⁷ Isto ocorreu em um momento no qual os casamentos entre pessoas espanholas e estrangeiras eram olhados com particular desconfiança quando envolviam migrantes de regiões ‘pobres’ do mundo.

Nos meios de comunicação, esses casamentos eram frequentemente associados a contratos de ‘compra’, por valores entre 2.000 e 15.000 euros, para a obtenção de papéis, e eram denominados ‘casamentos por interesse’, ‘por conveniência’ ou ‘casamientos blancos’. A ideia é que a utilização da *web* teve como efeito a ampliação do número desses casamentos, pois os fóruns estavam cheios de solicitações de parceiros/as com esse fim. E, de fato, no levantamento realizado em sites da *web* para essa pesquisa, encontrei inúmeras ofertas e pedidos de casamentos com espanhóis/espanholas para obter os ‘papéis’ por valores que oscilam entre os 3.000 e os 10.000 euros (Piscitelli 2010). No que se refere às brasileiras, a sombra do ‘interesse’ adquiria matizes particulares pela vinculação que se realizava entre elas e a prostituição.

6 Os meios de comunicação e as informações difundidas pelas Polícias espanholas também consideram as migrantes brasileiras como alvo preferencial do tráfico de pessoas com fins de exploração sexual (IUDC 2009); além disso, nesses meios afirma-se que, para além de travestis (Pelúcio 2010, Patrício 2008) há uma recente ‘inundação’ de homens brasileiros na indústria do sexo em diferentes cidades espanholas (Piscitelli 2010a).

7 De 94 registros em 2003, passaram a uma estimativa de 290 em 2009, embora esses dados não façam uma distinção por sexo, isto é, não permitem saber se a pessoa brasileira é homem ou mulher. Informação fornecida pelo Consulado em 2009-11-24.

4 O universo da pesquisa

Em 2009 fiz trabalho de campo durante 5 meses em Barcelona, em Granada e em Antequera. Barcelona, cosmopolita, é a segunda cidade espanhola em termos de concentração de brasileiros. Granada, embora consideravelmente menor, é uma das cidades do Sul da Espanha que tem atraído migrantes de diversas nacionalidades. Nelas tive acesso a um leque diversificado de brasileiras. Antequera é uma cidade de Andaluzia de 40.000 habitantes, cuja principal atividade econômica é a agricultura. Ela chegou a ter um contingente de aproximadamente 2.000 brasileiros originários de diversos estados, mas, principalmente de Roraima, Rondônia, Mato Grosso e Paraná.

Antequera conta com um número significativo de homens solteiros, à maneira daquelas cidades rurais-urbanas que recebem ‘caravanas de mulheres’, organizadas pelas prefeituras para proporcionar a possibilidade de obterem uma parceira matrimonial aos seus numerosos solteiros (Bodoque Puerta 2008). Nesses lugares, há falta de esposas, em decorrência dos padrões de propriedade da terra e de migração locais, que incidem na saída das mulheres para trabalharem em cidades maiores, enquanto os homens permanecem cuidando da propriedade familiar (Camarero, Sampedro 2008). Nessa cidade, entrevistei brasileiras de camadas populares que casaram com homens espanhóis vinculados, de uma ou outra maneira, ao trabalho agrícola.

Nessas cidades, além de observação em espaços de trabalho e de sociabilidade, em lares e em organizações de apoio a migrantes, realizei entrevistas em profundidade, registradas com gravador, com 15 migrantes brasileiras, com 3 homens brasileiros e com 3 homens espanhóis. Ao longo dos anos, entre esse momento e 2014, continuei em contato com várias das mulheres entrevistadas, em viagens anuais que realizei a Espanha, passando um par de meses principalmente em Barcelona, mas também encontrando as entrevistadas, como Verônica, em outras cidades. O conjunto de mulheres entrevistadas compõe um universo marcado pela heterogeneidade, que remete à diversidade presente entre os migrantes brasileiros na Espanha. Ele inclui mulheres entre os 20 e os 50 anos, originárias de diversos estados do Brasil, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso, Rio Grande do Norte, com diferente tempo de residência na Espanha (entre 18 meses e 16 anos). Em termos dos critérios raciais imperantes no Brasil, a maioria se considera branca, três se auto-classificam como negras ou mulatas e uma como morena, mas todas se consideram afetadas pelos critérios de racialização presentes na Espanha.

Algumas tiveram filhos na Espanha, outras foram mães no Brasil. Entre essas últimas, a maioria levou os filhos para Espanha, após terem se estabelecido nesse país. Em torno da metade das entrevistadas conta com segundo grau completo ou incompleto e a outra parte, incluindo uma

trabalhadora sexual, com estudos superiores completos ou incompletos. No momento em que as entrevistei algumas eram estudantes de pós-graduação e outras professoras universitárias, médicas e enfermeiras que exerciam suas profissões na Espanha. Outras se dedicavam a cuidar de idosos, trabalhavam na limpeza e, ocasionalmente, na agricultura e outras, na indústria do sexo. Algumas entrevistadas consideravam que, apesar de menos rentáveis, suas ocupações no Brasil eram melhores. É o caso de mulheres que foram vendedoras em lojas, cabeleireiras, professoras de escola e que, na Espanha, trabalharam no serviço doméstico, cuidando de idosos ou na agricultura. De acordo com uma entrevistada de 48 anos, de Campinas, mãe de 4 filhos nascidos no Brasil, que tinha casado fazia um ano com um espanhol na região de Antequera:

Eu trabalhei como interna cuidando pessoas maiores, em várias casas. É uma experiência muito dura... Quase sempre a pessoa não tem noção do que faz, amanhece o dia e a pessoa morre na sua mão. Você fica trancada dentro de uma casa com a pessoa a semana inteira, quando você sai no sábado você quer mais sair, rir, e [acaba se] embebedando, porque é muita pressão... Eu peguei o jeitinho de cuidar, sabe... Aqui eles não têm carinho... [Trabalhei] no campo também, fui na roça, colher azeitona, 'feijão branco'. E é duro. Eu estava com as costas para arrebentar e eu gritava, ainda falam que isso aqui é o primeiro mundo, isso aqui é uma terra de escravos. Não era a coisa de madrugar. O duro era você estar ali... toda posição que você fica, passando 10, 15 minutos já te dói todo o corpo.⁸

Outras entrevistadas, como as trabalhadoras sexuais, desempenhavam a mesma atividade que já realizavam no Brasil mas, até o início da crise econômica na Espanha, com maiores rendimentos e em condições de trabalho consideradas mais satisfatórias. Os níveis de renda individuais variavam, entre os 600 euros mensais, no caso de uma jovem que cuidava de uma idosa em Antequera, até 4.000 euros mensais, de uma trabalhadora sexual que oferecia serviços na rua, no início da crise, em Barcelona.

5 'Papéis'

Nesse universo, vários dos encontros que conduziram à migração tiveram lugar no âmbito do turismo, de viagens associadas à cooperação internacional e a convênios universitários. Um deles começou em Jericoacoara, uma bela praia no Nordeste do Brasil, onde uma entrevistada que prepa-

8 Entrevista realizada em Antequera, em fevereiro de 2009.

rava 'caipirinhas', uma bebida típica, no 'fórró', um local de dança popular, conheceu o engenheiro catalão com que está casada hoje. Ela é dona de casa, mãe de uma filha nascida na Espanha e mora em um imenso apartamento com vista para o mar, em Barcelona. Outras histórias de relacionamentos se iniciaram em São Paulo, Rio de Janeiro ou na Europa, em momentos nos quais elas ou eles estavam realizando viagens de turismo ou de trabalho.

Entre essas entrevistadas, essas viagens adquirem maior relevância que a *web* em termos de espaços que propiciaram os encontros que conduziram a migrar. Em alguns casos, os namorados espanhóis tentaram permanecer no Brasil e ante a dificuldade de obter trabalho, vaga em uma pós-graduação e/ou visto de permanência, retornaram a Espanha e foram seguidos pelas namoradas brasileiras ou casaram primeiro no Brasil. Esses deslocamentos parecem remeter, em um ou outro sentido, à ideia de 'migrantes por amor', no sentido de deslocamentos vinculados a relacionamentos amorosos (Roca i Girona 2008). No relato de uma bela carioca de 42 anos, que se considera negra, enfermeira em um hospital de Granada, que conheceu o atual marido, andaluz, viajando pela Espanha e depois o recebeu no Brasil, mãe de uma filha nascida na Espanha:

Ele foi ao Rio. E ficou lá morando dois anos. Quando ele levava um ano e meio mais ou menos, teve um problema de visado. Ele trabalhava em academia, tocava flamenco, mas não tinha carteira assinada. Então eu estava um pouco à frente, porque ele estava de turista, na minha casa. Eu era funcionária, levava meus ingressos, ele aportava uma quantidade de dólares... Com um ano e meio a polícia federal engrossou e disse que não... Então aí a gente casou.

A maioria dos casamentos, porém, foi resultado de encontros que tiveram lugar quando as brasileiras, solteiras ou separadas, já se encontravam no contexto migratório. Isto vale para mulheres fazendo pós-graduação, cuidando de idosos, trabalhando na agricultura ou na indústria do sexo.

A sombra do interesse pairou sobre uns e outros relacionamentos provocando desconfortos em todas as entrevistadas, mas as afetou de maneira diferenciada, em função do setor social de origem, o nível de escolaridade, a 'cor' da pele e também os contextos migratórios, atingindo com particular intensidade as mulheres que se consideram 'negras' e as brasileiras com menos anos de estudo que residem em Antequera. Os relatos de três entrevistadas, colhidos em Barcelona, Granada e Antequera, dão uma ideia desses efeitos. Nos termos da enfermeira:

Aqui na Espanha falam 'ah que bien, que te has casado con un español'... São cheios de prejuízo... Aqui escura, de color, né? Só tem eu, a minha irmã... Todo mundo, 'ai é brasileira, né?' Eles já pensam na gente em

coisas referentes ao sexo, não porque ‘você trabalha nisso?’ Filha, você está equivocada, eu sou enfermeira... Então desde o princípio eu tive muito problema com a família dele, por ser de cor... Porque é o primeiro que eles pensam, brasileira casando com espanhol tem o estigma de que a sacou de algum prostíbulo. E não é assim. Tem muita brasileira que casa com espanhol que tem sua profissão, seu trabalho, ou que não tem nenhuma profissão assim de universidade, mas tem estudo, tem educação... Mas eles generalizam, sempre. Não me aceitaram. Então pra você ver, eu tenho um carro, então carro se você tem um carro então você deve ser uma puta de luxo... Se vai muito arrumada, ui deve cobrar caro... Eles são muito ignorantes neste aspecto... Os espanhóis falam que quando a gente casa com eles, né, é como se a gente tivesse ascendido e melhorado. E não é. Adriana, eu vivo aqui há 13 anos. Espanha é o norte de África, não é Europa. Andaluzia é o norte de África. Rio é muito mais evolucionado.⁹

A entrevista realizada com um casal ‘misto’, um catalão, professor universitário, de 51 anos e sua esposa brasileira de 28, professora na Prefeitura de Barcelona e estudante de pós-graduação, mãe de uma criança nascida na Espanha, mostra a percepção dessa noção e as estratégias para neutralizar a ideia de ‘casamento por interesse’ na cidade de origem do marido. O relato, não isento de humor, está permeado por uma mistura de irritação e indignação.

Ele: Hay dos cosas que tenemos que contarte. La primera es la boda y después también el tema legal... La boda en el pueblo era una boda civil. Pero lo hicimos de tal manera, que fuera una especie como de presentación, que explícitamente se demostrara que no es ninguna boda por interés... En todo caso, que es una boda buena porque ella es guapa y yo soy más viejo... Fue muy estratégico el hecho de llegar al pueblo, decir que nos casamos, ir a un bar, presentarla en el bar... E invité a los que gobiernan la ciudad, el alcalde. La presenté a todo un círculo... La boda fue en el ayuntamiento, en una sala gótica. Había gente del gobierno allí. Lleno de simbolismo brasileño, con una... bromelia gigante... Y ella, claro, ha podido hablar con todos. Después la segunda cosa... en el juzgado.. [fue la] entrevista para matrimonios extranjeros... A mí primero, me daba vergüenza que mi país o que el juez me preguntara cosas. Y me daba aún más por ella, ¿no?... Finalmente, le dije «A ver, ¿qué usted quiere saber? ¿Usted me pregunta las cosas para saber si me caso por interés, o si ella se casa por interés, por los papeles y así? Pues sí. Sí señor, me gustaría ser brasileiro»... Siempre se parte de la idea de que

9 Entrevista realizada em Granada, em março de 2009.

es la brasileña que quiere ser de aquí. Nunca se parte de la idea de que yo quiero ser brasileño.¹⁰

O terceiro relato, de uma entrevistada de 42 anos, com ensino médio completo, mãe de dois filhos brasileiros, que trabalhava na limpeza e como garçonnete em Antequera, remete à força que, nessa cidade, adquiriam as narrativas sobre os casamentos ‘por conveniência’, ao ponto de interferir na finalização de um relacionamento duradouro com um espanhol:

Conheci o Espanhol no bar. Era bonitão. Alto, parecia o Antonio Fagundes [conhecido ator de telenovela brasileira]... Depois quando fomos viver juntos ele ficou sem trabalho, ficava muito tempo na rua e ficava falando com um, com outro e aqui tem muito problema de estrangeiros... As romenas, a moura, que quer nada mais que sacar dinheiro, não sei o quê, sabe?... Os próprios espanhóis que estavam casados às vezes com moura, com romena, com brasileira também, porque aqui tem umas brasileiras também... Ou tem interesse, dos papéis, de dinheiro também. [Mas] eu não precisava para nada, tinha papéis, tinha trabalho. Eu separei por isso... Los dos años que estuve con él no miré otro hombre, lo respeté, como tiene que respetar uno... [Mas ele] foi ficando encucado... Eu chegava em casa, trabalhava em dois trabalhos. Ele não falava mais, não tinha diálogo. Ele empezava a dizer a coisas que ele tinha escutado en la calle.¹¹

Nas narrativas, entre as mulheres que sofreram com as suspeitas de familiares do marido, de conhecidos e vizinhos de casar por interesse, várias haviam regularizado sua situação migratória antes do casamento. Parte significativa das pessoas, porém, casou ‘por papéis’. Mas esses casamentos remetem a relacionamentos duradouros e estáveis que foram formalizados para resolver a situação migratória do parceiro. Isto sucedeu nos casamentos celebrados na Espanha e também no Brasil, quando o cônjuge que precisava de visto era o espanhol.

Os casamentos ‘por papéis’ tiveram lugar em uniões envolvendo mulheres de diferentes origens sócio-econômicas, ocupadas em diferentes setores de atividade na Espanha, profissionais liberais ou trabalhadoras do sexo. Entre essas últimas, aliás, os casamentos com ‘clientes’ apareceram como o principal mecanismo utilizado para regularizar sua permanência no país. No entanto, nos relatos, nesse leque diversificado de pessoas, incluindo brasileiros casados com espanholas, a procura de ‘papéis’ é

10 Entrevista realizada em Barcelona, em março de 2009.

11 Entrevista realizada em Antequera, em abril de 2009.

considerada como solução 'administrativa'. Nos termos de um sociólogo brasileiro, de 38 anos, casado fazia dois anos com uma catalã de 34 que conheceu quando ela trabalhava como cooperante internacional no Brasil, pai de duas crianças nascidas na Espanha:

Eu cheguei aqui, apaixonado, com certo dinheiro, foram assim, dois meses excelentes e depois [tive que deparar-me] com a realidade de buscar trabalho... Eu nunca fiquei sem papéis na verdade, porque [tinha] um convite de uma ONG para fazer uma formação, então eu consegui um visto de estudante, durante o tempo do curso. E aí pensava, quando acabar o visto tem que dar um jeito de ter visto... E aí veio a solução do casamento... para ter os documentos... Aliás, eu preciso falar com você que um casamento é uma conciliação de interesses e muita conveniência para ambas as partes. Esta entrevista está me ajudando a ter mais claro isso, ainda mais. (risadas) O que é um casamento se não uma conciliação de interesses, por isso eu estava brincando, porque eu sei que existe a expressão casamento de conveniência. E sim, claro que [o meu] foi um casamento de conveniência, ou seja, nós não teríamos nos casado... [se não fosse pelos papéis].¹²

De acordo com uma trabalhadora sexual, originária de Minas, de 48 anos:

O espanhol marido sim que é *bueno*. [risos] [O encontrei] trabalhando. Nessa época eu trabalhava, morava num hotel. Pagava caro, 66 mil pesetas, hoje são quase 400 euros. E quando eu conheci esse homem eu fui um dia na casa dele e eu pensei: É aqui que eu quero morar. [risos] Para dividir despesa e tudo. E aí ele se enamorou, sabe? E me chamou para ir morar com ele. Em dois meses eu fui morar com ele. Ele tem 50 anos... Um ano depois casamos. Como a gente vivia bem ele falou: Não, para te ajudar, casamos e você arruma os papéis. E aí casamos.

Observo que em nenhum desses relatos os casamentos, 'por papéis' ou não, aparecem marcados pela violência doméstica, nem vinculados ao tráfico de pessoas, nem sequer nos casos das trabalhadoras sexuais, que casaram com clientes, cujos relacionamentos remetem a tensões específicas, mas não estão vinculados à 'exploração sexual' (Piscitelli 2013). Durante o transcurso desses meses de campo, aliás, visitei abrigos voltados para vítimas de tráfico de pessoas e em situação de exclusão social e entrei em contato com pessoas a eles vinculados em Barcelona, Granada e Antequera, assim como em anos anteriores o fiz em Madri. Colhi diversos relatos

12 Entrevista realizada em Barcelona, em março de 2009.

sobre namoros e casamentos que redundaram em situações de tráfico de pessoas, mas envolvendo, principalmente, mulheres do Leste Europeu.¹³

6 Interesse

Várias das entrevistadas realizam esforços para separar a noção de ‘interesse’ dos seus casamentos. Esse procedimento, voltado para enfrentar a crescente estigmatização dos casamentos ‘mistos’, envolvendo pessoas de países ‘pobres’, remete a noções correntes sobre a contaminação que a presença dos interesses, principalmente econômicos, produz nas relações íntimas (Zelizer 2009). Em termos analíticos, porém, os ‘interesses’ estão presentes no conjunto de relacionamentos considerados, o que não é em absoluto original, nem surpreendente, levando em conta a longa tradição antropológica de estudos sobre estratégias matrimoniais.

Refiro-me à análise realizada por Bourdieu (1972) de como tradições culturais particulares desenvolvem princípios voltados para a reprodução social, que são interiorizados pelos agentes sociais. Tratar-se-ia de princípios que incluem cuidadosos ‘cálculos’, mas operam de maneira predominantemente inconsciente e, segundo a classe social, estão voltados para assegurar a transmissão do patrimônio, permitindo a manutenção da família na hierarquia econômica e social ou para garantir a continuidade econômica da linhagem e a reprodução da força de trabalho. A questão aqui é compreender como as uniões ‘mistas’ propiciadas pela nova ordem global interferem na reconfiguração desses princípios que, de acordo com essa literatura, em âmbitos sociais europeus, algumas décadas atrás, orientavam a realização de casamentos homogâmicos (entre iguais) e homocromáticos/homoétnicos (entre pessoas da mesma cor ou etnicidade) (Desroisières 1978).

O conjunto dos relatos permite perceber que para além dos ‘papéis’ e inclusive entre pessoas que já tinham um estatuto migratório regular quando casaram, as uniões envolvem outros interesses que, às vezes, abarcam aspectos econômicos, mas não se reduzem a eles. Entre as mulheres originárias de camadas sociais mais baixas e com menor grau de escolaridade, a noção de ‘ajuda’ e também de ‘futuro’ contribuem para compreender esses interesses.

13 Em 2007, em Madri, colhi o relato de uma brasileira que se tornou vítima de tráfico através do namorado, mas foi o único caso envolvendo brasileiras com o qual me deparei e, no caso, a vítima, na faixa dos 40 anos, tinha um namorado brasileiro. De acordo com a pessoa vinculada ao abrigo das Adoratrices [instituição religiosa]: ela arrumou um namorado brasileiro no Brasil e viajou com ele, como se fosse um projeto migratório conjunto e quando chegou à Espanha, ele queria forçá-la a se prostituir. Entrevista realizada em março de 2007.

‘Ajuda’ é um termo amplamente difundido nas classes baixas e médias baixas do Brasil. Essa noção remete a contribuições econômicas que, embora consideradas relevantes, não constituem a principal fonte de recursos para a subsistência (Gregg 2006). No marco de relacionamentos sexuais e afetivos, a ‘ajuda’ é frequentemente trocada por sexo, muitas vezes vinculada a afeto. Diferentemente da prostituição, popularmente conhecida como ‘programa’ no Brasil, que evoca um contrato de serviços, a ‘ajuda’ está inserida em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica e para o consumo.

As relações de ‘ajuda’ que, nas leituras locais, não são vistas como prostituição têm conotações de sexo transacional (Hunter 2002). Esse termo foi utilizado ao analisar os intercâmbios sexuais e econômicos nos quais se envolvem, no Caribe, jovens das classes trabalhadoras com homens e mulheres mais velhos/as. São trocas que não têm lugar em espaços destinados à prostituição e não apresentam uma negociação explícita de sexo por dinheiro, mas possibilitam a aquisição de roupas de moda, tratamentos para o cabelo, desfrutar do status econômico de pessoas que ostentam carros caros, pagam viagens e presentes luxuosos (Kem-padoo 2004). Não apenas o sexo, mas também os casamentos podem ser transacionais, quando possibilitam ou oferecem a ilusão de viabilizar a obtenção de benefícios econômicos e/ou de migrar para algum país rico (Brennan 2008).

Esse tipo de trocas é amplamente difundido em diversas partes do Brasil. Às vezes, esses intercâmbios envolvem homens, geralmente mais velhos, ‘o velho que ajuda’, e mulheres com menores recursos (Fonseca 1996). Em lugares de ‘turismo sexual’, mulheres e homens locais trocam a ‘ajuda’ que recebiam de pessoas ‘da terra’ por aquela oferecida pelos estrangeiros (Piscitelli 2007, Trindade 2009). A ‘ajuda’ pode contribuir para ‘ter futuro’, no sentido de possibilitar uma vida sem dificuldades econômicas, com certa mobilidade social ascendente.

Os significados atribuídos a essas duas noções, ‘ajuda’ e ‘futuro’, se alargam no exterior. No contexto migratório, no âmbito dos relacionamentos com homens espanhóis, essas noções vão além dos aportes econômicos diretos. Observo que, por diferentes motivos, várias dessas entrevistadas auferem uma renda mais elevada que os maridos espanhóis. Algumas porque têm maior escolaridade que eles e, depois de homologar seus títulos universitários, principalmente na área médica e de enfermagem, que tem elevada demanda de mão de obra na Espanha, tiveram acesso a trabalhos melhor remunerados que os maridos. Outras, com menor escolaridade, porque a renda obtida na indústria do sexo era superior à dos parceiros ou porque a crise econômica na Espanha afetou com maior intensidade o trabalho desempenhado pelos maridos, na construção e na agricultura, do que o trabalho feminino no setor de limpeza e de cuidados.

No contexto migratório, a ‘ajuda’ pode incluir o casamento ‘por papéis’ e também remeter a um suporte que, além de econômico, é emocional. Em alguns casos, esse aporte contribui para o projeto de abandonar a indústria do sexo ou para fugir de serviços domésticos e de cuidados nos quais há uma intensa pressão para que as migrantes também ofereçam serviços sexuais. Nos termos de uma brasileira de 24 anos no momento da entrevista, com dificuldades de expressar-se em português, que havia chegado 5 anos atrás a Antequera, proveniente de uma cidade de 15.000 habitantes no Mato Grosso, e casou com um andaluz 10 anos mais velho que ela, o caçula de uma família de pequenos proprietários rurais:

Fui trabalhar, cuidando de uma mulher maior... Pero es que tenía 4 hijos, ya mayores también y uno de los hijos empezó a pasarse un poco. A abusar... Eran 4 hijos solteros. 48 años, 50 y tantos años. Me decían cosas y como yo dormía al lado de la mujer mayor. Y para ir para la habitación de él, tenía que pasar dentro de esa habitación. Entonces cuando nosotras ya estábamos acostadas... él venía a tocarme los pies y se pasaba sabes? Y yo le decía cosas, que me dejara en paz, que lo iba a denunciar, y la madre como no estaba muy bien de la cabeza decía, niño déjala quieta. Así, la pobre. Y he estado seis meses, para pagar el billete que estaba debiendo en Brasil... Mi marido, me lo han presentado, estaban buscando una novia para mi marido, le presentaron unas tres o cuatro brasileñas, mira. [risos] Es que él nunca ha tenido novia antes. Tenía 30 años... ya cuando fui yo nos presentaron... nos fuimos conociendo, ya vino a llamarme para salir, para ir ver películas, esas cosas y ya no íbamos indo conociendo mejor, y ya está.¹⁴

A ideia de ‘ter futuro’, traduzida como ‘estabilidade’, alude a certo conforto econômico. De acordo com a cabeleireira de Campinas que trabalhou na agricultura e hoje é dona de casa após ter casado com um motorista de caminhão de Antequera:

Meu marido está bem. Trabalha numa empresa, já há seis anos, bem empregado ganha 1.800 euros. É uma pessoa dedicada. Espanhol quando é pra ser trabalhador ele é trabalhador, ele não tem hora. Hoje mesmo ele saiu 4h da manhã da minha casa. Trabalha muito... Eu tenho uma vida estável com ele.

Essa noção também remete ao processo de completar de maneira bem sucedida o projeto migratório, mediante a realização de um casamento e a integração em uma família europeia. A conjugalidade possibilita uma

14 Entrevista realizada em Antequera, em fevereiro de 2009.

considerável ampliação na inserção em redes sociais que oferecem diversos tipos de recursos, inclusive emocionais, e, de maneira direta ou indireta, viabiliza um melhor posicionamento social e político, em termos transnacionais. E, neste ponto, a noção de estabilidade também encontra ecos nos relacionamentos das entrevistadas com maior nível de escolaridade. Essas últimas destacam o nível sócio-econômico equivalente ou até superior, que tinham no Brasil, em relação aos parceiros espanhóis. Mas, como assinala Thai (2002), ao avaliar as posições sociais das pessoas que realizam casamentos transnacionais, para além das posições sociais em seus países de origem, é relevante considerar as hierarquias entre nacionalidades em termos globais.

A importância concedida a esses relacionamentos contribui para compreender a atribuição de estereótipos de gênero relativamente negativos atribuídos aos estilos de masculinidade brasileiros, mediante os quais são justificadas as escolhas dos parceiros espanhóis, particularmente pelas entrevistadas com menos anos de estudo. Nos termos da trabalhadora sexual que casou com um cliente espanhol:

Os espanhóis como marido são totalmente diferentes do brasileiro. Ele é muito assim carinhoso, ele é muito amável. Sua vontade é respeitada. Ele é um homem que limpa toda a casa, que põe roupa para lavar, passa roupa, que faz a comida, entendeu? [risos] Tudo, tudinho.

Brasileiras já estabelecidas no contexto migratório, porém, às vezes utilizam o mesmo recurso para explicar a preferência por estilos de masculinidade vinculados a outras nacionalidades europeias, que estão ainda melhor posicionadas em termos globais.

Os relatos dessas mulheres reiteram o recorrente procedimento de utilizar o gênero como linguagem para aludir à posição desigual das nacionalidades, ou 'culturas', em jogo. Neles, os estilos de masculinidade valorizados remetem a noções de 'avanço' e 'modernidade', que se expressam no igualitarismo nas relações entre homens e mulheres. Nesse ponto, nada original, fazem uso de um recurso amplamente difundido, certamente associado à disseminação e descontextualização de ideias feministas. Refiro-me à utilização do gênero, principalmente na mídia e no debate público, para hierarquizar culturas e nações, como por exemplo, ao utilizar o uso do véu, tido como expressão da desigualdade que atinge as mulheres muçulmanas, para evidenciar o atraso cultural de certos países.

Digo, porém, que nessas relações entre masculinidades, os estilos brasileiros são avaliados de maneira relativamente negativa porque há praticamente uma convergência entre entrevistadas de diferentes origens sociais em considerar de maneira positiva a peculiar sexualidade atribuída aos homens brasileiros. E, no entanto, os estilos de masculinidade europeus, associados ao privilégio da família sobre o sexo, e à qualidade dos

relacionamentos, vinculada a padrões igualitários, são os preferidos para a realização de casamentos. Nos termos da cabeleireira de Campinas, casada com um motorista de caminhão em Antequera: «O brasileiro te pega, te joga na parede, te chama de lagartixa, é bem vagabundo, é gostoso. Agora o espanhol não, mas ele quer manter a casa, a família». De acordo com uma empresária brasileira, casada com um catalão, entrevistada em Barcelona:

A gente acabou se adaptando um ao outro, mas pra mim, sexualmente foi complicado... Em relação à qualidade do encontro sexual, isso não, isso é super afinado e eu acho que tem uma coisa que é um super amor. Então é... um momento muito bom da relação. Mas por exemplo, com relação à frequência, eu sou a brasileira, minha frequência é uma, e a dele é outra. Eu falo assim nossa senhora, é difícil demais esperar e aguentar seu ritmo. [risos] Eu vou arrumar um amante, eu falo pra ele, mas brincando... Nesse aspecto... com os brasileiros... as coisas que eu vivi, tem uma diferença enorme... eu sou mais parecida com eles... Então eu acho o seguinte: que se a minha relação com ele não fosse tão interessante do ponto de vista mais global, se fosse uma relação muito fundamentada no sexo, ela já tinha acabado... porque pra mim iria dar trabalho eu ficar negociando com o meu desejo.¹⁵

7 Afetos

Nesse universo, esses diversos interesses se entrelaçam constantemente com a afetividade. Os vínculos afetivos, porém, são traduzidos de diversas maneiras pelas entrevistadas. E essa diversidade, que inclui diferentes noções, desde o 'amor' ao 'respeito', conduz a considerar as discussões sobre amor e 'ocidentalização'.

De acordo com Castro e Araújo (1978), na formação cultural ocidental, o amor designa uma modalidade de afeto ou sentimento e também relações sociais em que predomina o componente afetivo, associado à ideia de escolha, de opção individual. Amor e escolha como base para o casamento integram o que historiadores, demógrafos e antropólogos costumam denominar complexo amoroso romântico, tido como traço particular ocidental (Goode 1959). Algumas vertentes teóricas associam esse complexo ao desenvolvimento do capitalismo e às revoluções urbanas e industriais que teriam dado lugar a um novo sentimento e a um novo sistema de casamento baseado no individualismo (Shorter 1975). Segundo alguns autores, porém, em países como Inglaterra, esse complexo estaria presente já no

15 Entrevista realizada em Barcelona, em novembro de 2009.

século XVI, isto é, em um período anterior ao movimento romântico na literatura e na arte e ainda às revoluções urbanas e industriais e ainda fora de centros urbanos (MacFarlane 1987).

Nos relatos aqui contemplados, a ideia de afeto vinculada ao complexo amoroso romântico é reconhecida por todas as pessoas entrevistadas e é geralmente expressada em termos de ‘estar apaixonada/o’, ‘amar’, ‘super-amor’. No entanto, a valorização desse sentimento como fundamento para o casamento e a vinculação entre esse amor e a realização das próprias uniões aparece em apenas uma parte dos relatos. Essa distinção aparece associada, não ao fato de os casamentos unirem pessoas que se conheceram em espaços vinculados à indústria do sexo, mas principalmente à origem social em camadas mais baixas que tende a expressar-se no grau de escolaridade. Nos termos de Verônica, uma migrante que durante vários anos viveu fora e enviou dinheiro ao Brasil através de trabalho sexual, ao falar sobre separação:

Eu estava apaixonada por ele, e isso me afetou de uma maneira... Olha, acho que isso nunca aconteceu comigo, de terminar com uma pessoa e eu achar que eu ia morrer. Aquilo me doía tanto que eu achava que eu ia morrer... Eu não conseguia comer.

Na maior parte das narrativas de migrantes com origens em classes sociais mais baixas, os casamentos estão associados a um afeto vinculado, sobretudo, ao apoio emocional, ao companheirismo e a um ‘respeito’, que se traduz em serem ‘bem tratadas’, em serem cuidadas, em possibilitar que a ‘ajuda’ que elas recebem alcance também os seus filhos, nascidos de relacionamentos anteriores. Observo que várias dessas histórias foram narradas por mulheres que migraram a partir de pequenas cidades, no interior de diversos estados brasileiros. Nos termos da cabeleireira de Campinas:

Daí saímos... e meus filhos falavam assim: «mãe, é uma pessoa boa», começou a conhecer minha família, meus amigos, e todo mundo viu que era uma pessoa boa. E aí tantas pessoas que estavam na minha cabeça que eu falei: «Ah, tá bom... a partir de abril a gente passa a ser ‘novio’». Aí ele comprou aliança... E resolvemos casar e procurar lugar... Eu casei porque as pessoas colocaram na minha cabeça que eu tinha que casar, mas não estava morrendo de amor por ele e nem morro até hoje... Mas eu e ele, me trata como uma rainha. Chega a fazer comida e trazer na minha mão. É um homem que, isso que está aqui ele já leva para a cozinha... [Me apeguei] como com um parente bem achegado... Ele deixa que ajude os filhos... Ele trabalha com frutas, e ele manda as frutas para os meus filhos, verdura, o que ele pode ajudar. Tenho um carro, o carro fica comigo e eu vou pra cima e pra baixo. Um carro deste

eu jamais vou ter no Brasil que é um C5, um Citroen C5... Tenho meu apartamento, quer dizer, não é dos melhores, mas é bem arrumadinho.

E, nesse ponto, entre as entrevistadas com menos anos de estudo, não há diferenças entre trabalhadoras do sexo e mulheres que desempenham outras atividades. O comentário da trabalhadora sexual brasileira casada com um ex-cliente, depois de termos passado um dia nós três juntos, dá uma ideia desse estilo de afeto: «Viu como é? Ele é bom. Eu estou bem com ele, não estou apaixonada. Mas, a paixão, isso passa, ele é bom, é alegre, bebe uma cervejinha e já está, gosta de festa, é companheiro». Termos análogos foram utilizados pela jovem que casou com um homem de Antequera fugindo do assédio dos filhos da idosa que ela cuidava: «Não estou apaixonada, mas com a convivência está tudo bem. É que o homem espanhol, ele dá muito valor à família, ele quer formar uma família».

No Brasil há ainda poucos estudos sobre amor em camadas populares e em cidades rurais-urbanas. As análises sobre esse sentimento tendem a centrar-se em camadas médias urbanas, enquanto os estudos sobre grupos populares parecem considerar, sobretudo, sistemas morais e sexo (Duarte 1987). As pesquisas existentes, porém, mostram que os estilos de afeto presentes nos relatos das entrevistadas remetem a noções presentes em diversas partes do país. Alguns estudos observam que entre mulheres de camadas populares, o termo 'respeito' alude às obrigações sociais que sustentam a vida familiar e ele pode ser privilegiado em relação ao 'prazer' pelas mulheres que querem ter 'casa' e família (Duarte 1987). Esses estudos também mostram que em algumas cidades rurais-urbanas, a recorrente interpenetração entre sentimentos e práticas econômicas se expressa em um 'amor/consideração' que envolve diversas transações econômicas consideradas como dádivas, provisão de alimentos, dinheiro, roupas, acesso a créditos e oportunidades de emprego (Rebhun 2006).

Levando esses aspectos em conta, é possível levantar dois pontos em termos das discussões apresentadas. O 'amor' como base para o casamento está presente nos relatos das entrevistadas, dividido por linhas que não expressam menor ou maior grau de 'ocidentalização', mas remetem a origens de classe diferenciados, que se expressam sobretudo em termos de grau de escolaridade e, ainda, à maior proximidade com o mundo rural. E cabe perguntar-se se essa divisão não tem ecos também na Espanha. Além disso, a interpenetração entre afetos e interesses presentes nos casamentos aqui contemplados, particularmente nos casos em que a relevância dos fatores econômicos é mais visível e o afeto não se expressa em termos do complexo amoroso romântico, remete a reconfigurações de padrões existentes no Brasil. Este ponto contribui para problematizar a vinculação linear dos casamentos entre homens de países 'ricos' e mulheres de regiões 'pobres' do mundo com a intensificação da mercantilização da intimidade.

8 Considerações finais

Retomando as questões iniciais, explico em que sentido considero que as narrativas contempladas embaralham ideias presentes no debate sobre casamentos 'mistos'. Em primeiro lugar, os relatos das minhas entrevistadas contestam a separação radical entre sentimentos e interesses. Nesse universo, os casamentos entre brasileiras e espanhóis são indissociáveis da ideia de interesse. No entanto, esses casamentos, incluindo aqueles que envolvem mulheres com menores recursos sociais e também os que se iniciaram nos mercados do sexo, não conduziram a violência doméstica, nem tampouco ao tráfico de pessoas.

Em segundo lugar, se a crescente mercantilização dos afetos, visível na Europa, certamente contribui para a inserção dessas mulheres em setores de trabalho voltados para o cuidado, incluindo o trabalho sexual, em termos das relações conjugais, as narrativas remetem, sobretudo, a recriações, em escala global, de interpenetrações entre afetos e interesses presentes no Brasil, particularmente entre entrevistadas com menores recursos sociais. E essas reconfigurações fazem parte da construção de espaços de agência feminina em esforços, não isentos de tensões, para obter através dos casamentos um melhor posicionamento social e político em termos transnacionais. Considerando as desigualdades globais que afetam de maneira particularmente intensa as brasileiras de menores recursos, várias das entrevistadas parecem desafiar o seu destino social no Brasil, mediante processos migratórios que incluem o casamento. E, nesse ponto, parecem desafiar também a ideia de 'amor feliz' no sentido que Bourdieu (1972) atribui ao termo, isto é, o amor socialmente aprovado, e portanto, predisposto ao sucesso, que não é outra coisa que o amor do próprio destino social, que reúne os parceiros socialmente predestinados.

Concluindo, gostaria de comentar uma última questão, que se refere a como a produção internacional que trata da 'política global do amor' inclui as análises sobre o Brasil. Estudos centrados no afeto ou na 'falta' de amor romântico em lugares pobres do Brasil como as favelas de Recife (Gregg 2006) são integrados em coletâneas sobre recortes tão diversos como os afetos entre os Huli de Papua Nova Guiné e os Kalasha do Noroeste de Paquistão (Padilha et al. 2006). Nessas discussões se considera que a difusão do amor romântico nesses diversos lugares, incluindo o Brasil, é um índice não apenas de modernidade ou da difusão de concepções urbanas, mas também de 'ocidentalização'.

A ideia de Ocidente presente nesses textos é questionável. Mas, para além disso, a utilização da presença do 'amor' como operador classificatório dos relacionamentos deve ser problematizada. Várias das minhas entrevistadas se integraram nos fluxos globais corporificando estilos de 'habitus' afetivo-sexuais presentes em setores populares e em algumas regiões do Brasil. Mas considerar que esses relacionamentos podem ser

classificados e situados em alguma hierarquia a partir da 'falta' do 'amor' seria um equívoco antropológico análogo ao de atribuir às reconfigurações, no contexto migratório, de interpenetrações entre afeto e interesses presentes no Brasil maiores riscos para as mulheres e menores margens de agência feminina.

Bibliografia:

- Appadurai, Arjun (1998). *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Badet Souza, Maria (2009). *Televisión y construcción del imaginario de la mujer brasileña en España: propuesta de una metodología de análisis multidimensional* [Tesina de maestría]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Bernstein, Elizabeth (2007). *Temporarily Yours. Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bodoque Puerta, Yolanda (2009). *Caravanas de mujeres: Ligar en tiempos (y espacios) difíciles = Texto presentado en el I Congreso Internacional, La Cultura en el Cuerpo*. Elche.
- Bourdieu, Pierre (2002). «Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction». *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, 27(4-5), 1105-27.
- Brennan, Denise (2002). «Selling Sex for Visas: Sex Tourism as a Stepping-stone to International Migration». Ehrenreich, Barbara; Hochschild, Arlie Russel (eds.), *Global Woman, Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. New York: Owl Books.
- Brennan, Denise (2008). «Love Work in Sex Work (and After): Performing at Love». Jnakowiak, William (ed.), *Intimacies. Love + Sex across cultures*. New York: Columbia University Press.
- Camarero, Luis; Sampedro, Rosario (2008). «¿Porque se van las mujeres? El continuum de movilidad como hipótesis explicativa de las masculinización rural». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 124, 73-105.
- Campani, Giovanna (1998). «Trafficking for Sexual Exploitation and the Sex Business in the New Context of International Migration: the Case of Italy». *South European Society and Politics, Special issue on Immigrants and Informal Economy in Southern Europe*, 3(3), 230-61.
- Castro, E.B. Viveiros de; Araújo, Ricardo Benzaquen de (1978). *Romeu e Julieta e a Origem do Estado*. Velho, Gilberto (eds.), *Arte e Sociedade: Ensaio de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 130-69.
- Constable, Nicole (2009). «The Commodification of Intimacy: Marriage, Sex and Reproductive Labour». *Annual Review of Anthropology*, 38, 49-64.

- Daphne Programme - European Commission; Università degli Studi di Firenze - Dipartimento di Scienze dell'Educazione (2003). *Marriage as Immigration Gate: The Situation of Female Marriage Migrants from Third Countries in the EU Member States. Report Spain* [online]. URL <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download;jsessionid=EFC54A165FF6C8D484D1BCB059F35E6A?doi=10.1.1.621.7410&rep=rep1&type=pdf> (2016-10-10).
- Desroisières, Alain (1978). «Marché Matrimonial et Structure des classes sociales». *Actes de la Recherche em Sciences Sociale*, 21, 97-107.
- Duarte, Luiz Fernando Dias (1987). «Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas». Lopes, José Sérgio Leite (ed.), *Cultura e Identidade Operária: Aspectos da cultura das classes trabalhadoras*. Rio de Janeiro: UFRJ/Marco Zero, 203-26.
- Fonseca, Claudia (1996). «A dupla carreira da mulher prostituta». *Revista Estudos Feministas*, 4(12-2), 13-34.
- Goode, William (1959). «The Theoretical Importance of Love». *American Sociological Review*, 24(1), 38-47.
- Gregg, Jessica (2006). «He can be Sad Like That: Liberdade and the Absence of Romantic Love in a Brazilian Shantytown». Hirsch, Jennifer; Warlow, Holly, *Modern Loves, The Anthropology of Romantic Courtship and companionate marriage*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 157-74.
- Hochschild, Arlie Russell (2003). *The Commercialization of Intimate Life*. Berkeley: The University of California Press.
- Hunter, Mark (2002). «The Materiality of Everyday Sex: Thinking Beyond 'prostitution'». *African Studies*, 61, 99-120.
- IUDC/Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación de la Universidad Complutense de Madrid (2009). *Memoria del Seminario Internacional Articulación de la Red Hispano Brasileña en el contexto de la Atención a las brasileñas víctimas de trata*. Madrid: IUDC/Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperación de la Universidad Complutense de Madrid.
- Kempadoo, Kamala (2004). *Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labour*. Abingdon: Routledge.
- Lauser, Andrea (2006). «Philippine Women on the Move: a Transnational Perspective on Marriage Migration». *International Quarterly for Asian Studies*, 37, 321-39.
- MacFarlane, Alan (1987). *The Culture of Capitalism*. Oxford: Basil Blackwell.
- Orloff, Leslye E.; Sarangapani, Hema (2007). «Governmental and Industry Roles and Responsibilities with Regard to International Marriage Brokers, Equalizing the Balance of Power Between Foreign Fiancés and Spouses». *Violence Against Women*, 13(5), 469-85.

- Padilla, Mark; Hirsch, Jennifer; Muñoz-Laboy, Miguel; Sember, Robert e Parker, Richard (eds.) (2007). *Love and Globalization: Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville: Vanderbilt University Press.
- Patrício, Maria Cecília (2008). *'No truque': Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras* [Tese de Pós-Graduação]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Pehar, Julie (2003). «e-Brides. The Mail-Order Bride Industry and the Internet». *Canadian Women Studies*, 22(3-4), 171-5.
- Pelúcio, Larissa (2010). *Trans migrações: Corpos, gêneros e prazeres na experiência de travestis brasileiras na indústria espanhola do sexo* [Relatório final de pós-doutorado].
- Piper, Nicola (1997). «International Marriage in Japan, 'race' and 'gender' Perspectives». *Gender, place and Culture*, 4(3), 321-38.
- Piscitelli, Adriana (2007a). «Corporalidades Em Confronto: Gênero E Nacionalidade No Marco Da Indústria Transnacional Do Sexo». *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), 17-33.
- Piscitelli, Adriana (2007b). «Shifting Boundaries: Sex and Money in the Northeast of Brazil». *Sexualities*, 10(4), 489-500.
- Piscitelli, Adriana (2009a). «Tránsitos: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial». *Horizontes Antropológicos*, 31, 131-7.
- Piscitelli, Adriana (2009b). «As fronteiras da transgressão, a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha» [online]. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 1, 177-201. URL <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/SexualidadSaludySociedad> (2016-09-23).
- Piscitelli, Adriana (2010). *Relatório final do Projeto 'Exportação de esposas? Gênero, migração, mercado do sexo e casamento'*. CNPq/Edital Ed 032008 Hum/Soc/Ap, processo 400619/2008-3, Campinas-SP.
- Piscitelli, Adriana (2013). *Tránsitos. Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EDUERJ/CLAM.
- Rebhun, Linda-Anne (2006). «The Strange Marriage of Love and Interest: Economic Change and Emotional Intimacy in Northeast Brazil». Padilla, Mark; Hirsch, Jennifer; Muñoz-Laboy, Miguel; Sember, Robert e Parker, Richard (eds.), *Love and Globalization. Transformations of Intimacy in the Contemporary World*. Nashville: Vanderbilt University Press, 107-19.
- Roca i Girona, Jordi; et al. (2008). *Informe final del proyecto Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*. Ministerio de la Igualdad, Instituto de la Mujer.
- Sassen, Saskia (2002). «Global Circuits and Survival Cities». Ehrenreich, Barbara; Hochschild, Arlie Russel (eds.), *Global Woman, Nannies,*

- Maids, and Sex Workers in the New Economy*. New York: Owl Books, 254-75.
- Schaffer, Grabiell, Felicity (2006). «Cyberbrides in the Americas and the Transnational Routes of U.S. Masculinity». *Signs*, 31(2), 332-56.
- Sciachitano, Marian (2000). «'MOBS' on the MET: Critiquing the Gaze of the 'Cyber Bride' Industry». *Race, Gender and Class*, 7(1), 57-69.
- Shorter, Edward (1975). *The Making of the Modern Family*. New York: Basic Books.
- So, Christine (2006). «Asian Mail-order brides, the threat of global capitalism, and the rescue of the U.S. Nation State». *Feminist Studies*, 32(2), 395-419.
- Suzuki, Nobue (2003). *Battlefields of Affection: Gender, Global Desires and the Politics of Intimacy in Filipina-japanese Transnational Marriages* [Doctoral dissertation]. Hawai: University of Hawai.
- Suzuki, Nobue (2007). «Marrying a Marilyn of the Tropics: Manhood and Nationhood in Filipina-Japanese Marriages». *Anthropological Quarterly*, 80(2), 427-54.
- Thai, Hung Cam (2002). «Clashing Dreams: Highly Educated Overseas Brides and Low Wage U.S. Husbands». Ehrenreich, Barbara; Hochschild, Arlie Russel (eds.), *Global Woman, Nannies, Maids, and Sex Workers in the New Economy*. New York: Owl Books, 230-54.
- Trindade, Tiago Cantalice da Silva (2009). *'Dando um banho de carinho!' Os çaça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa-RN)*. Recife: Universidade Federal de Recife.
- Zelizer, Viviana (2009). *La negociación de la intimidad*. México: Fondo de Cultura Económica.